

Canjerê

Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

ano 10 - edição 24 - Junho 2025



Angola e Moçambique. Cinquentenário de independências em disputas

por Rosália Diogo

Linha
MALIKA

Hidrata e Nutre

PARA CABELOS CRESPOS,
CACHEADOS E EM TRANSIÇÃO.

- Manteiga de Ucuuba
- Manteiga de Cupuaçu
- Óleo de Abacate



*Seu crespo ou cachos
merecem essa força!*

Livre de sulfatos, parabenos, petrolatos, silicone e corantes.

(31) 99388-1063 niariafrocosmeticos.com.br
niariafrocosmeticos niariafrocosmeticosoficial

Canjerê

Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

Editorial

No editorial da edição 23 da nossa revista, chamamos atenção para o fim da Década dos Povos Afrodescendentes. E agora, estamos informando, com alegria, que a Organização das Nações Unidas renovou essa década. Assim, até 2034, teremos um tempo relativamente satisfatório para acelerar medidas urgentes, necessárias e enérgicas, visando estratégias de combate ao racismo e o fortalecimento da valorização da arte de matriz africana.

Iniciamos a nossa colaboração exaltando o cinquentenário da independência de dois países com os quais o Casarão das Artes Negras e a Revista Canjerê têm estreitado relações há décadas. Nos referimos à Angola e Moçambique. A independência de Moçambique se deu em 25 de junho de 1975. A de Angola, em 10 de novembro do mesmo ano!

Todo o conteúdo desta edição é voltado para oferecer informações sobre esses dois países. Destacamos a editoria Negócios, que traz um perfil de um moçambicano que contribui significativamente para a divulgação da cultura do seu país – Sergio Libilo. Na editoria Gente do Canjerê, mostramos como o escritor e aviador, Mauro Brito, é um profundo conhecedor da cultura moçambicana. Na editoria Cultura/Música, o destaque é para a valorosa musicalidade de Stewart Sukuma. Na editoria Moda, mostramos o talento e o potencial de inovação do estilista Taibo Bakar e na editoria Cultura/Artes Visuais fizemos um perfil do artista visual Jorge Dias. No que se refere à Angola, entrevistamos o antropólogo Isaías Lemos que também nos honrou com um texto sobre a cultura angolana na editoria Ensaio. Aniceto da Silveira e o seu projeto Leitura em Domicílio foi o destaque na seção Olhar Social.

A capa desta edição tenta refletir o nosso olhar sobre as confluências que buscamos entre Angola, Moçambique e Brasil: nela temos a imagem do príncipe angolano, Elizeti Kimuanga, ao lado da nossa chefe de redação, Rosália Diogo, que o presenteou com a edição 23, cuja capa está estampada a imagem da escritora moçambicana, Paulina Chiziane.

E as notícias sobre esses dois países são muitas. Desejamos boa aquisição de conhecimento para vocês. E não percamos de vista que estamos também comemorando 12 anos do Casarão das Artes Negras e 10 anos de publicação da nossa revista!

Acesse nosso site: <https://revistacanjere.com.br>

Equipe Casarão das Artes Negras/ Revista Canjerê

SUMÁRIO

- p6** Entrevista
Alguma estrela dos nossos antepassados está a dizer que é ali
- p18** Matéria de capa
Angola e Moçambique. Cinquentenário de independências em disputas
- p24** África
Angola: terra de raízes profundas e cultura vibrante
- p26** Ensaio
Mudança nos antropónimos ambundu na identidade cultural: Caso da população da Província de Icolo e Bengo

- p10** Comportamento
Taibo Bocar - Modelo de Internacionalização da Moda Moçambicana
- p12** Canjerê
Canjerês entre Moçambique e Angola
- p14** Gente do Canjerê
Mauro Brito: uma jornada entre continentes e culturas
- p16** Olhar Social
Leitura ao Domicílio: o projeto que leva livros e esperança às casas da periferia de Luanda
- p22** Negócios
Trabalhar para Transformar: A Missão de Sérgio Libilo no Audiovisual
- p29** Cultura - Literatura
Seios do Deserto
- p30** Cultura - Música
Stewart Sukuma: a música é a nossa verdadeira pátria
- p31** Cultura - Artes Visuais
A África tradicional e contemporânea se conectam na obra de Jorge Dias
- p32** Notícias

Agradecemos a todos da equipe Casarão das Artes Negras e aos parceiros do Brasil e do exterior que aceitaram o desafio de construir esta importante fonte de informação e pesquisa.



Colaboraram nesta edição:

Alê Bastos, Falume Atibo, Freepik, Leo Lara, Lucas Moura (SECOM PM Salvador), Marimba Bookings, Patrick Hardy, Tomas Port e Wjgomes



Matéria de Capa

**Angola e Moçambique:
Cinquentenário de independências em disputas**
Rosália Diogo

Na foto:

Príncipe Elizeyi Kimuanga Moynda,
Rosália Diogo e Paulina Chiziane
(na capa da Canjerê 23)

Foto da Capa:
Acervo Revista Canjerê

Expediente

INSTITUTO CULTURAL CASARÃO DAS ARTES NEGRAS
Diretora Executiva
Maria Aparecida da Silva Santos

Curadora
Rosália Diogo

EDITORIAL
Diretora de redação
Rosália Diogo

Editor
Equipe da Revista Canjerê

Repórteres
Jaice Balduino, Naiara Rodrigues, Roger Deff,
Robson Di Brito e Sandrinha Flávia

Projeto Gráfico e Editoração
Leonardo Oliveira e Maria Luiza Viana

Ilustração
Leo Ramaldes, Marcial Ávila e Maria Luiza Viana

Fotografia
Sol Brito
Ricardo Laf (Tratamento de imagens)

Colaboração Editorial
Naiara Rodrigues

Revisão
Paulo Roberto Antunes

CONSELHO EDITORIAL
Edimilson de Almeida Pereira
Universidade Federal de Juiz de Fora - Brasil

Eduardo de Assis Duarte
Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil

Filinto Elísio
Rosa de Porcelana Editora - Cabo Verde

Maria de Mazzarelo Rodrigues
Mazza Edições - Brasil

Marcial Ávila
Instituto Casarão das Artes Negras - Belo Horizonte - Brasil

Maria Nazareth S. Fonseca
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Brasil

Patricia Gomes (Guiné-Bissau)
Universidade Federal da Bahia - Brasil

Rosália Diogo
Instituto Casarão das Artes Negras - Belo Horizonte - Brasil

Alguma estrela dos nossos antepassados está a dizer que é ali

Robson Di Brito

Pesquisador, Escritor, mestre em Humanidades e Artes, doutorando em Educação

Foto:
Acervo pessoal
Isaías Lemos



A Revista Canjerê entrevistou o professor, antropólogo e pesquisador angolano Isaías Lemos. Por uma conversa que partiu de seus estudos sobre as línguas angolanas: o Quimbundo, o Kikongo e o Umbundo, componentes das línguas Bantu, refletimos sobre as relações entre Brasil e Angola e a importância da busca da ancestralidade.

Na América, temos a língua portuguesa moderna do Brasil na qual a base da gramática é o português, obviamente, por conta do período colonial. Entretanto, há uma coparticipação das línguas dos povos nativos e das línguas africanas. A partir de seus estudos antropológicos, como o senhor compreende essas influências?

Foi por influência da língua portuguesa que hoje o Brasil e outras colônias portuguesas falam o seu português. Conforme os estudos das línguas nacionais de Angola, que são as línguas Bantu, consegui compreender a linguagem, a comunicação e a língua de outros países, os países que foram colônias portuguesas, e que também não falam o português de Portugal por causa dessa cultura das línguas africanas e da inserção de suas culturas. No caso do português do Brasil, me interessa a língua tupi que em algumas palavras também me parece ter uma proximidade com algumas palavras banta. Mas das línguas nativas angolanas, o Quimbundo, o Kikongo e o Umbundo são certamente essas línguas que influenciaram o português falado hoje no Brasil. Importante ressaltar que vemos essa influência das línguas Bantu também nas línguas espanholas, inglesas e, claro, no português e, em especial no Brasil, há significativos vestígios mais fortes das nossas línguas africanas, em especial as angolanas. A minha investigação nas línguas é com o objetivo de compreensão das palavras, sua epistemologia, como são usadas hoje, e suas mudanças no decorrer do tempo. Porém, podemos perceber que essas línguas forneceram subsídio cultural, uma compreensão histórica, uma produção de riqueza linguística e também uma postura política diante dos fatos sociais. Então, esse é um estudo que estamos a fazer já há algum tempo aqui.

Qual a sua visão da relação entre Angola e Brasil, primeiro com a língua, que é uma relação histórica e agora, na contemporaneidade, por meio do crescente número de investigações sobre essa proximidade?

Com a informação que chega dos irmãos e irmãs brasileiros, há uma vontade, ou seja, há uma sede gritante para buscar as histórias ou a informação da ancestralidade. Mas, ainda assim, uma certa confusão porque fomos confundidos desde o primeiro momento que nos tiraram daqui para outras terras, na condição de escravizados. E, os escravizadores levaram o melhor que tínhamos. É entendível que os europeus tinham noção de que se juntassem os grupos culturais, linguísticos, da forma que eles encontraram, também não teriam paz. Nessa condição, foram nos dividindo ou nos agrupando em outros grupos. Por isso, não tivéssemos como agregar porque não tínhamos um parceiro. É como uma equipe de futebol. Se tirarem aqueles que normalmente estão acostumados a jogar, evidentemente o jogo seria mais difícil para eles. Foram nos dividindo em vários grupos e aqueles que levaram com as línguas Bantu foram se juntando a outros grupos linguísticos e, como consequência, tem-se o surgimento dos afro-brasileiros. Esses, que são uma junção de vários grupos, tentam buscar sua origem, sua ancestralidade, os elementos que os façam entender sua condição humana dentro dessa conjuntura social e étnica. Para isso, é preciso também um estudo de DNA para podermos, futuramente, ver de onde saíram, de que localidade para, então, podermos buscar concretamente a nossa matriz de ancestrais. Mas, ainda assim, isso é uma luta. Tudo aquilo que vier com essa vontade, mesmo não tendo essa certeza, evidentemente a gente está aqui para dar o caminho, diretrizes e ajudar naquilo que for possível. Acreditamos que alguma estrela dos nossos ancestrais está a nos dizer que é ali que reside a ancestralidade e que a pessoa que busca seus conhecimentos é a escolhida.

Então, estamos de mãos abertas para podermos dar o nosso contributo naquilo que for possível ou preciso.

Foto:
Acervo pessoal Isaías Lemos



A população negra brasileira é composta de pretos e pardos. Por conta do racismo estrutural, isso cria vários conflitos que impedem o acesso a políticas públicas, impede também o entendimento ancestral enquanto busca de conhecimento. Nesse sentido, eu proponho que reflita também e aponte na sua compreensão o que nos impede de termos uma maior reciprocidade na construção de saberes entre Angola e Brasil.

Felizmente, aqui (Angola) o racismo não acontece com a mesma intensidade que no Brasil porque no Brasil é visível que o racismo tem rosto, tem cheiro, tem cor, enfim, o racismo está em tudo. Aqui nós não temos vivido essa situação como debatem aí os nossos irmãos afrodescendentes. Mas há um racismo escondido, mas não é com essa gravidade que o Brasil vive. Muitas vezes, há mais um regionalismo do que racismo. Como quem diz, essa é da minha tribo, o que tem mais valor do que aquele que não é da minha tribo. Porque tivemos a sorte de não nascermos num país onde os ancestrais estiveram na condição de escravizados, porque se assim fosse também teríamos que viver com o racismo mais perseguidor. Estamos a falar do Brasil, mas segundo também aquilo que a gente lê, que a gente escuta, nos Estados Unidos não estamos longe da sua reflexão. Isso porque eles têm a mesma vivência, infelizmente, apesar do luxo que tentam representar para o mundo, daquele mistério da vida bela, mas também vivem essa situação do racismo de frente. Mas pronto, nós estamos aqui, felizmente acreditamos que com as políticas públicas, que as nações, de quando em quando, vão implementando, e as pessoas vão tomando consciência, e isso vai desaparecendo pouco a pouco, evidentemente que não é da noite para o dia, mas conscientemente as pessoas vão quebrando essa situação.

Pensando ainda na influência da língua e das palavras, como em seu estudo, percebo a leitura, também, como o elemento essencial para o conhecimento pessoal do indivíduo. Nesse sentido, você tem um projeto de leitura domiciliar. De que consiste esse projeto?

Foto:
Acervo pessoal Isaías Lemos



O projeto é da associação “Aniceto da Soveira Leituras”, ou “As Leituras”, que leva a leitura ao domicílio do leitor. Ou seja, a associação tem uma biblioteca comunitária que apoia a comunidade Infantos Renéus numa das zonas periféricas da cidade de Luanda, conhecida como Viana. Lá encontra-se essa biblioteca comunitária, onde as crianças que não têm condição de estar numa escola, ou não têm acesso a uma escola, acolhem-se a essa biblioteca, e temos alguns adultos voluntários que também se juntaram a essa causa e vão ensinando-as a ler e escrever. O idealizador do projeto, Aniceto da Soveira, percebeu as dificuldades de as pessoas em poder comprar um livro, então ele empresta livros por 30 dias. O leitor liga para nós e escolhe o livro que quer ler. Se não tiver na biblioteca, nós verificamos também com nossos parceiros para emprestar esse livro e levamos até o leitor e, depois de 30 dias, vamos buscar o livro. O “As Leituras” busca dar oportunidade aos leitores que não podem comprar o livro, mas podem ter acesso às leituras. Em paralelo, uma vez que Angola fará 50 anos de independência, estamos homenageando os escritores infantojuvenis.

Qual a mensagem que você pode transmitir aos nossos leitores da Revista Canjerê?

Mesmo com a divisão, uns cá e outros lá, que nos separou, as nossas línguas ainda assim continuam intactas. Apesar de serem faladas e compreendidas de outra forma, devido às diversas influências, ainda assim, nem tudo está perdido. Nós podemos resgatar aquilo que é da nossa ancestralidade e podemos falar a nossa língua. Apesar da interferência do português, do inglês e do espanhol, nós podemos resgatar aquilo que é da nossa ancestralidade. O samba é uma palavra da língua quimbundo. Samba, que é o cartão postal do carnaval do Brasil e quiçá do mundo, tem como significado rezar ou orar, de acordo com a nossa língua materna quimbundo. Então, estamos ligados de qualquer forma.

Taibo Bocar

Modelo de Internacionalização da Moda Moçambicana

Rosália Diogo

Curadora do Casarão das Artes Negras. Jornalista. Chefe de Redação da Revista Canjerê

Foto: Divulgação

Em Moçambique, circulou na mídia a notícia de que um Moçambicano vestiu uma atriz premiada: a atriz britânica Charlotte Carroll, na 82ª edição do Globo de Ouro 2025, nos Estados Unidos, que decorreu na Califórnia. A partir daí, o Instituto Nacional das Indústrias Culturais e Criativas de Moçambique destacou: “é a primeira vez que um estilista moçambicano leva uma marca nacional à arena internacional, onde várias estrelas do cinema se cruzam, o que é uma conquista para o sector da moda”.

Essa notícia aguçou a nossa curiosidade e logo fomos procurar pelo estilista Taibo Bacar. Trata-se de um jovem de 39 anos, de família pobre economicamente, nascido em Maputo, sendo criado na cidade de Matola, região metropolitana de Maputo. A mãe era costureira e ele seguiu as pegadas dela. Bacar tem seis irmãos. Segundo ele “nunca me faltou escola, material escolar, lanche e comida à mesa, embora algumas vezes os pais não estavam nela para se alimentarem conosco. A prioridade da alimentação era para os filhos.”.

Nos chamou a atenção a fala de Taibo Bacar, destacando que a casa em que morava era de propriedade da mãe dele. Ela comprou a casa a partir do seu trabalho. Para ele, era importante que as irmãs tivessem como referência essa autonomia e referência na mãe para seguirem pela vida com foco no poder das mulheres.

A loja, ateliê e as salas de negócios de Taibo Bacar estão localizadas no Hotel Glória, que é um hotel cinco estrelas em Maputo. Segundo ele “a base da criação estilista dele é para mulheres, pois o espelho dele é a sua mãe, que só desenhava e costurava para mulheres”. Taibo reforça que entende muito mais sobre a silhueta feminina, desde sempre. Ele nos disse a sua condição de empreendedor que cursou administração e gestão empresarial, sendo um bom profissional do ramo.



Bacar nos informa que passou a produzir roupa masculina pelo fato de ter observado o mercado e ter sentido a necessidade de ampliar os seus negócios. Ele tem quinze anos de trabalho relacionado à costura para as mulheres e menos de dois anos com a produção para os homens.

A empresa Taibo Bacar está colocada em três dimensões: passado, presente e futuro. Hoje, ela vende mais para dentro de Moçambique. Mas, no passado, já vendeu em maior quantidade para a África do Sul, Portugal, Angola e Nigéria. Segundo o estilista, Angola foi o país estrangeiro que mais lhe rendeu financeiramente, colaborando fortemente para o crescimento do empreendimento. O estilista disse que, em um determinado momento, teve que se desvincular da persona Taibo Bacar para que a instituição, que leva o nome dele, crescesse. Entendemos que foi uma forma de melhor profissionalizar e elevar a empresa.

O estilista afirma que “nos últimos dois anos tem feito muitos investimentos, pensando no mercado internacional.”. Ele conta que seguramente é necessário se conectar com o mercado modista na África do Sul e na Nigéria para ampliar a relevância dos seus negócios. Esses dois países africanos são os mais expressivos no campo da indústria da moda. Percebemos que, ao marcar a sua presença num dos maiores palcos internacionais do cinema e do entretenimento, Taibo Bacar eleva o trabalho dos estilistas de seu país, prova a qualidade do trabalho produzido em Moçambique, evidencia o talento dos moçambicanos e demonstra ao mundo que a produção nacional está ao nível de competir com estilistas de outros quadrantes do mundo. Salve a luz do estilista Taibo Bakar!

CANJERÊ

Canjerês entre Moçambique e Angola

Equipe Casarão das Artes Negras (textos e fotos)

“A voz de ascendência africana

Conectada a Moçambique, Nova Iorque e Havana

Oriundo da pele que os homens quer pôr em cana”

Que incomoda na propaganda, eu só o aviso diz em cana”

Música Etnografia Suburbana

Roger Deff e Celton Oliveira



Sim, o lançamento da nossa 23ª edição foi virtual. Mas, também teve lançamento presencial, em Moçambique. Onde?

No quintal da escritora **Paulina Chiziane**. Para quem ainda não sabe quem é ela, dizemos: primeira romancista de Moçambique, única mulher negra africana a receber o prêmio Camões (literatura), reconhecida como uma das cem mulheres mais influentes do mundo pela BBC de Londres, além de ter ido inaugurar uma cátedra em nome dela em Varsóvia, em 2024. Percebam a importância e a nossa alegria em ter feito a inauguração da nossa revista neste espaço sagrado, que é o quintal da escritora.

A temporada de sete meses, da chefe de redação desta revista, Rosália Diogo, no continente africano, entre Moçambique e Angola, entre setembro de 2024 e março de 2025, nos trouxe outras inúmeras oportunidades de conexões. Como, por exemplo, no caso de Moçambique, o encontro com o escritor **Mia Couto**, que recebeu um exemplar da nossa revista. Ele tem tido constantes agendas no Brasil. Inclusive nos disse que estaria em nossos países por volta de outubro de 2024 e realmente esteve, por cerca de 20 dias.



A nossa participação no Festival Internacional de Poesia e Artes Performativas Poetas D'Alma foi algo encantador.

Experenciemos uma junção incrível entre literatura, cinema, música e artes visuais, o que foi incrível.



Não podemos deixar de registrar os nossos encontros altamente afetivos com várias brasileiras e brasileiros, cerca de dez pesquisadoras e pesquisadores que estavam em Moçambique, por meio da bolsa de estudos Abdias do Nascimento – estudantes

oriundos de São Paulo, Goiás, Alagoas e Pará deram o tom da presença em terras moçambicanas em alto nível. Formamos um grupo que dificilmente se desaparecerá. Que bom ter tido a oportunidade dessa conexão nesse período de estada por lá!

Sobre as experiências com os rituais tradicionais do país, destacamos o Mapiko, que aconteceu em janeiro, no distrito de Boane. O uso das máscaras e as danças são as marcas dessa histórica celebração.

E quem disse que Moçambique não tem Carnaval, errou. Não ocorre como no modelo brasileiro, mas tem carnaval lá, sim senhor! No caso da capital, Maputo, tivemos a alegria e a oportunidade de participar do carnaval no Centro Cultural Brasil-Moçambique, que atualmente recebe o nome de Instituto Guimaraes Rosa – IGR.

Angola – que experiência enriquecedora.

A nossa hospedagem, que aconteceu em janeiro, foi na Casa de Cultura Ubuntu, espaço de pesquisas sobre as histórias de Angola e da África, como um todo. O local é coordenado pela doutora Agnela Barros, pesquisadora com foco no teatro e na dança, altamente reconhecida pelo seu país.

Destacamos também a oportunidade que tivemos de palestrar, com muita honra, na União dos Escritores Angolanos, fundada em 1975. Em tal ano ocorreu a independência do país. Foi um momento ímpar em que pudemos dialogar com a plateia sobre o nosso pouco acúmulo acerca da literatura angolana. Mas, sobretudo foi possível nos conectar com vários escritores e escritoras da nova geração.

Tivemos ainda a grata oportunidade conhecer o Museu da Escravatura e o Largo da celebrada Rainha Nzinga Mbande. O local guarda fortes memórias sobre a travessia de milhões de angolanos que vieram na condição de escravizados para as Américas, incluindo o Brasil. É um local impactante para que as pessoas pretas, que estão na diáspora, possam se conectar espiritualmente com seus ancestrais, com seus antepassados.

Buscamos sempre condições para que esses Canjerês no continente africano deveriam ocorrer com mais frequência com vistas a fortalecer o nosso vínculo ancestral.



Mauro Brito: uma jornada entre continentes e culturas

Jaice Balduino

Jornalista, especialista em redes sociais e assessora de imprensa e comunicação

A trajetória de Mauro Brito é marcada por encontros, cultura e um profundo vínculo com o Brasil. Natural de Cabo Verde, Mauro cresceu imerso em uma rica tradição cultural que sempre o acompanhou em sua caminhada pelo mundo. Sua relação com o Brasil, no entanto, não foi apenas uma coincidência geográfica, mas sim um laço construído ao longo do tempo, através da arte, da identidade afrodescendente e de conexões que transcendem fronteiras.

Ao chegar ao Brasil, Mauro encontrou um terreno fértil para seu desenvolvimento pessoal e profissional. A similaridade entre Cabo Verde e o Brasil, especialmente na musicalidade, na oralidade e na força das manifestações culturais, fez com que ele se sentisse em casa. Foi aqui que suas experiências adquiriram novas camadas de significado, enriquecendo ainda mais sua jornada. O Brasil lhe proporcionou oportunidades para expandir sua atuação artística e cultural, promovendo um intercâmbio intenso entre as duas nações e fortalecendo a identidade afrodescendente por meio da música, do teatro e da contação de histórias.

Nesse percurso, uma figura fundamental se destacou: Rosália Diogo. Referência na valorização da cultura afro-brasileira e do protagonismo negro, ela foi mais do que uma inspiração para Mauro; foi uma parceira e guia nessa construção de identidade e pertencimento. A troca entre os dois não apenas fortaleceu sua conexão com o Brasil, mas também reafirmou a importância de contar histórias que enaltecem a resistência e a potência das culturas de matriz africana. Ele passou a atuar diretamente em projetos que buscam dar voz e visibilidade a essas narrativas, contribuindo para a preservação e difusão do patrimônio imaterial afro-brasileiro.

Brito não apenas incorporou esses ensinamentos,

mas também os transformou em ação. Seu trabalho se tornou um elo entre Cabo Verde e Brasil, promovendo diálogos e intercâmbios culturais que fortalecem a identidade afrodescendente em ambas as regiões. Através da arte, da música e da oralidade, ele constrói pontes que conectam o passado ao presente, ressignificando narrativas e ampliando horizontes. Em apresentações, oficinas e encontros culturais, compartilha sua vivência e seu conhecimento, inspirando novas gerações a reconhecerem e a valorizarem suas raízes africanas.

Sua atuação vai além das fronteiras físicas: Mauro utiliza sua voz e sua experiência para dar visibilidade às histórias e vivências da diáspora africana, contribuindo para um mundo mais consciente de suas raízes e de sua diversidade cultural. Seja em projetos comunitários, em espaços acadêmicos ou em performances artísticas, ele reafirma a importância da ancestralidade e do pertencimento. No Brasil, tem se engajado ativamente em eventos culturais, seminários e colaborações com artistas e intelectuais comprometidos com a luta antirracista e a valorização da cultura negra.

Hoje, Mauro Brito segue essa missão com dedicação e paixão. Seu percurso é um testemunho do poder transformador da cultura e da arte, elementos que não apenas o conectam ao Brasil, mas também fortalecem a luta por reconhecimento e valorização das heranças africanas no mundo; sua jornada é, acima de tudo, um convite para que mais pessoas se reconheçam na história que ele ajuda a contar e a construir. Com sua presença marcante no Brasil, continua sendo uma referência na construção de um diálogo intercultural sólido, capaz de unir povos, fortalecer identidades e promover a riqueza da diversidade afrodescendente.

Fotos: Arquivo pessoal



Leitura ao Domicílio: o projeto que leva livros e esperança às casas da periferia de Luanda

Naiara Rodrigues

Jornalista formada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e co-autora do livro-reportagem Diário de Bloco, sobre o carnaval de Belo Horizonte



Foto: Rosália Diogo

Criado em 2020 pelo estudante de Direito Aniceto da Silveira, o projeto Leitura ao Domicílio nasceu de uma experiência pessoal marcada pela exclusão e pela falta de acesso aos livros acadêmicos. “Os meus colegas não aceitavam compartilhar os manuais comigo porque eu não tinha nada para lhes dar em troca. E uma vez o professor me expulsou da sala de aula porque não tinha o livro de MIC, Método de Investigação Científica”, lembra.

Diante desse cenário, Aniceto decidiu transformar sua indignação em ação.

Começou com apenas oito livros do seu curso.

Usou as redes sociais para anunciar que emprestava os títulos gratuitamente por trinta dias e que a entrega seria feita pessoalmente, no endereço do interessado. Com uma mochila nas costas, percorreu

Luanda (Angola) oferecendo livros de diversas áreas do saber de forma inteiramente voluntária.

Apesar da nobreza da iniciativa, os primeiros passos foram solitários e acompanhados de críticas. “Familiares e amigos começaram a me tratar como doido, diziam que eu não iria para lugar nenhum e que essa gente não gosta de ler”, conta. Mas o apoio da família foi essencial para seguir adiante. “Superei com os abraços e beijos da minha companheira e dos meus filhos. Estava seguro de que percorria o caminho certo, com tantos espinhos, mas é o caminho a seguir.”, assegura.

Hoje, o projeto tem sua base na comunidade da Estalagem Km 12-A, onde crianças, adolescentes e jovens encontram um espaço seguro para desenvolver o gosto pela leitura, escrever, declamar poesia e

fazer teatro. Ao todo, cerca de 50 crianças entre 5 e 13 anos participam das atividades oferecidas.

“A comunidade está muito feliz”, resume Aniceto.

Para dar vida ao projeto, o idealizador tomou uma decisão radical: transformou a própria residência em uma biblioteca comunitária e passou a viver numa casa alugada com sua família. A motivação, segundo ele, veio de uma conversa com seu filho. “Fiquei triste quando um dia levava os meus filhos à escola e, de repente, o meu filho perguntou: “Papai, por que esses meninos não vão à escola?”. Não soube como responder. Então falei com a minha parceira que precisávamos fazer uma biblioteca comunitária. Ela topou, e fizemos. E somos muito felizes.”.

Os planos para o futuro são ambiciosos: multiplicar bibliotecas como essa por todo o país e garantir a distribuição de materiais didáticos a cada novo ano letivo. “Sobretudo, esperamos contar com parceiros que ajudem a pagar as nossas contas correntes”, afirma.

Na visão de Aniceto, o impacto da leitura vai muito além do conhecimento. “Ler estimula o raciocínio, ativa o cérebro, aumenta a imaginação, melhora o vocabulário, desenvolve o pensamento crítico, combate o estresse, dá um gás motivacional, amplia a criatividade e estimula a concentração.

O leitor transforma a sua escrita. É bem verdade: quem lê nunca é a mesma criatura.”.

Quem quiser apoiar o Leitura ao Domicílio pode entrar em contato pelas redes sociais ou pelo número de telefone **+244 945 483 276**. O projeto ainda não possui conta bancária própria, mas segue transformando realidades por meio do poder da leitura.

Foto: Rosália Diogo



Foto: Rosália Diogo



Angola e Moçambique. Cinquentenário de independências em disputas

Rosália Diôgo

Curadora do Casarão das Artes Negras. Jornalista. Chefe de Redação da Revista Canjerê



Foto: Rosália Diogo

Angola

República de Angola é um país da costa ocidental da África, cujo território principal é limitado a norte e a nordeste pela República Democrática do Congo, a leste pela Zâmbia, a sul pela Namíbia e a oeste pelo Oceano Atlântico. O povo bantu é a base do tronco linguístico do país.

A Independência de Angola foi acelerada, em grande parte, em função dos eventos militares e políticos que ocorreram um ano antes em Portugal, quando da Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974,

que depôs o regime ditatorial do Estado Novo.

Cerca de 12 horas da tarde de 10 de novembro de 1975, o alto-comissário português, Almirante Leonel Cardoso, realizou uma cerimônia solene no salão nobre do Palácio do Governador, onde declarou o fim da administração portuguesa e “entregava a soberania ao Povo Angolano”. A passagem da soberania não teve um destinatário, fato que inclusive deu margem para a continuação da Guerra Civil Angolana já em curso.

Na proclamação de independência, o controle de Angola estava dividido pelos três maiores grupos nacionalistas – União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) –, pelo que a independência foi proclamada unilateralmente, pelos três movimentos.

Do ponto de vista militar, as tropas portuguesas tiveram que enfrentar uma guerra de guerrilha não convencional para a qual não estavam preparadas nem motivadas. O esforço de guerra recaiu sobre o Exército, dadas as características do conflito, apoiado por meios navais e aéreos. Inicialmente, o equipamento do exército português estava obsoleto (a maioria datava da Segunda Guerra Mundial. A partir do primeiro ano, as forças portuguesas passaram de 33000 homens (1961) até atingir um contingente de 65000 no final da guerra, que reunia todos os ramos das Forças Armadas. Embora superior em número de homens, estes precisavam do apoio dos meios navais e aéreos, taticamente mais fortes. No entanto, por falta de recursos para utilizar esses meios, e pela natureza desgastante do conflito, Portugal foi perdendo a sua superioridade ao longo do conflito. Para combater a guerrilha, Portugal teve de se adaptar com técnicas de contrasubversão a partir de 1966. Em relação à guerrilha, esta estava completamente adaptada ao terreno e ao clima difícil de Angola: os combatentes moviam-se sem dificuldade em pequenos grupos (10 a 40 elementos), aproveitando-se, em nível logístico e operacional, do apoio das populações. No entanto, uma das principais ameaças dos guerrilheiros vinha do seu interior: disputas tribais, diferenças étnicas e culturais. Ao longo do conflito, a UPA/FNLA, o MPLA e a UNITA, que atuavam em diferentes regiões de Angola, por vezes defrontavam-se entre ele. Essas divergências iriam agudizar-se, após a Independência de Angola, com a Guerra Civil Angolana.

Logo depois da declaração da independência, reiniciou-se a Guerra Civil Angolana (já estava em curso desde fevereiro de 1975) entre os três movimentos, uma vez que a FNLA e, sobretudo, a UNITA não se conformaram nem com a sua derrota militar nem com a sua exclusão do sistema político.

Assumindo raramente o caráter de uma guerra “regular”, ela se consistiu como uma guerra de guerrilha que, nos anos seguintes, envolveu praticamente o país inteiro. Ela custou milhares de mortos e feridos e destruições de vulto em aldeias, cidades e infraestruturas (estradas, caminhos de

Ambulante em Maputo, Moçambique
Foto: Rosália Diogo



ferro, pontes e aeroportos). Uma parte considerável da população rural, especialmente a do Planalto Central e de algumas regiões do leste, fugiu para as cidades ou para outras regiões, inclusive países vizinhos.

No início dos anos 1990, o MPLA decidiu abandonar a doutrina marxista-leninista e mudar o regime para um sistema de democracia multipartidária e uma economia de mercado. UNITA e FNLA aceitaram participar no regime novo e concorreram às primeiras eleições realizadas em Angola, em 1992, das quais o MPLA saiu como vencedor. Não aceitando os resultados dessas eleições, a UNITA retomou de imediato a guerra, mas participou ao mesmo tempo no sistema político.

Moçambique

Está localizado no Sul do continente africano. O povo banto é a base do tronco linguístico do país. O país faz fronteira com a África do Sul, Malawi, Zâmbia, Zimbabwe, Tanzânia e Eswatini (ex-Suazilândia).

A Guerra da Independência de Moçambique ou a Luta Armada de Libertação Nacional foi um conflito

armado entre as forças da guerrilha da Frente de Libertação de Moçambique –FRELIMO e as Forças Armadas de Portugal. Oficialmente, a guerra teve início a 25 de Setembro de 1964, com um ataque ao posto administrativo de Chai no então distrito (atualmente província) de Cabo Delgado, e terminou com um cessar-fogo a 8 de Setembro de 1974, resultando numa independência negociada em 1975.

Do ponto de vista militar, o contingente militar português foi sempre superior durante todo o conflito contra as forças de guerrilha. Embora em desvantagem, as forças da FRELIMO saíram vitoriosas, após a Revolução dos Cravos em Lisboa, a 25 de abril de 1974, que acabou com o regime ditatorial em Portugal. Moçambique acabaria por obter a sua independência em 25 de junho de 1975, após mais de 400 anos de presença portuguesa nessa região de África. De acordo com alguns historiadores da Revolução Portuguesa do 25 de abril, esse golpe de estado militar foi impulsionado principalmente pelo esforço de guerra e impasses políticos nos diversos territórios ultramarinos de Portugal, pelo desgaste do regime então vigente e pela pressão internacional.

A Guerra Civil Moçambicana

Também conhecida como Guerra dos Dezesesseis Anos, foi um conflito civil que começou em 1977, dois anos após o fim da Guerra de Independência de Moçambique, e que foi semelhante à Guerra Civil Angolana, visto que ambas eram guerras secundárias dentro do contexto maior da Guerra Fria. Os ideais do partido no poder, a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), bem como os das Forças Armadas Moçambicanas eram violentamente opostos aos da Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), que recebia financiamento da Rodésia e, mais tarde, da África do Sul. Durante o conflito, cerca de um milhão de pessoas morreram em combates e por conta de crises de fome. Além disso, cinco milhões de civis foram deslocados e muitos sofreram amputações por minas terrestres, um legado da guerra que continua a assolar o país. A recessão econômica e social, o totalitarismo marxista, a corrupção política, a pobreza, as desigualdades econômicas e o insucesso do planeamento central fizeram nascer uma vontade revolucionária. O conflito apenas terminou em 1992 com a assinatura do Acordo Geral de Paz pelo então presidente

da república Joaquim Chissano e Afonso Dhlakama, então presidente da Renamo.

Após o fim da guerra, o país viu a realização das primeiras eleições multipartidárias em 1994.

Entretanto, havia uma centena de milhares de mortes, decorrentes da guerra, além de inúmeras minas terrestres remanescentes em solo moçambicano, que se tornaram um grande problema para o país. Neste ano em que esses dois países comemoram os 50 anos de independência, esta edição especial da Revista Canjerê celebra a existência de Angola e de Moçambique. Esses países, assim como todo o continente africano, são a nossa referência de resistência, enfrentamento e fortaleza.

O legado cultural que nos foi trazido por nossos antepassados, oriundos desses dois países, é incomensurável. É a riqueza da música, do cinema, da literatura, das artes visuais, da dança e de tantas outras vertentes culturais que nos dá suporte, alegria, esperança e fé. É a matriz africana que dá sustentabilidade às nossas existências aqui na diáspora!



Foto: Rosália Diogo



Rua da Justiça,
Maputo, Moçambique
Foto: Rosália Diogo

Trabalhar para Transformar: A Missão de Sérgio Libilo no Audiovisual

Sandra Flávia Nandaka

Jornalista, apresentadora e empresária

Foto: Acervo pessoal



Em um cenário global cada vez mais guiado por imagens e narrativas, a formação de jovens no audiovisual tem se mostrado uma ferramenta poderosa de transformação social. Com essa visão, o empresário Sérgio Libilo criou em Maputo (Moçambique), em 2014, o projeto Olhar Artístico que mais tarde se tornou uma empresa chamada, Estúdio Olhar Artístico, Lda. A iniciativa já capacitou mais de 5.000 jovens em diversas áreas como operador de câmera, editor de vídeo, produtor de conteúdo, iluminação, som, realização/direção, apresentador de televisão e fotografia. Além dos cursos, o estúdio também oferece programas de estágio e oportunidades de emprego para seus alunos.

Sérgio iniciou sua trajetória no audiovisual há mais de duas décadas, após uma rara oportunidade de participar de um curso rápido de transmissão televisiva. Na época, seu país ainda carecia de estrutura para formação nas áreas de televisão e cinema, o que tornava o acesso ao conhecimento técnico um privilégio para poucos.

Autodidata, construiu sua trajetória no audiovisual a partir da prática.

Iniciou sua carreira na TV Miramar, onde aprendeu a operar câmeras e teve seus primeiros contatos com a produção televisiva. Em seguida, passou pela STV, atuou em uma produtora de conteúdo e cinema, a antiga Cine vídeo, e ingressou na Agência Golo, além de investir em cursos especializados para aprofundar seus conhecimentos e agregar valor à experiência prática que já acumulava ao longo dos anos.

Com objetivo de tornar o projeto relevante no cenário audiovisual, Sérgio buscou apoio em instituições estratégicas como a Associação Moçambicana de Cineastas (AMOCINE) e o Instituto Nacional das Indústrias Culturais e Criativas (INICC), “com essas parcerias, tínhamos a cobertura institucional que precisávamos para trabalharmos como um projeto, em outras palavras, diria que fomos incubados, explica.”. Também firmou parcerias com universidades, uma delas foi a Universidade Eduardo Mondlane.

Em 2017, decidiu que era o momento de deixar o seu trabalho na Agência Golo para transformar o projeto em uma empresa que se consolidou em 2023, passando a se chamar Estúdio Olhar Artístico, Lda.

Para construir sua trajetória no audiovisual, o empresário relata que precisou passar por um processo profundo de autoconhecimento e transformação. Ele se desvinculou de crenças e padrões religiosos que o limitavam e decidiu buscar um novo caminho, pautado na liberdade de pensamento.

Mais do que trabalhar para sobreviver, Sérgio traçou um propósito maior: desenvolver primeiro o seu entorno, depois sua comunidade e, por fim, contribuir para o fortalecimento da indústria cultural em seu país. Esse se tornou o conceito que guia sua atuação: trabalhar para transformar.

O principal desafio que enfrenta é a ausência de estrutura para distribuição e a falta de políticas públicas voltadas ao financiamento da área. Segundo ele, o país enfrenta uma crise

no setor de exibição, “Atualmente, não existem salas de cinema em funcionamento. Muitas das maiores salas foram transformadas em templos religiosos, o que evidencia o abandono do cinema como espaço cultural, afirma.”.

Sobre o futuro do Estúdio Olhar Artístico, Lda, o empresário que tem como sócios Jaime Mahumane e Finina Bila revela os próximos passos da empresa, “A meta é ter um centro de formação em cada província e investir em séries televisivas. Os trâmites burocráticos já estão em andamento.”.

Mais do que a expansão da empresa, o maior orgulho de Sérgio é ver o impacto social do projeto, “A minha maior alegria é ver jovens que hoje são autônomos e bem-sucedidos que estudaram com a gente e abriram suas próprias empresas.”.

A trajetória de Sérgio também é profundamente marcada por sua origem. Filho de João Libilo, pescador profissional de alto-mar, e de Leonor Helena, dona de casa, ele carrega consigo os ensinamentos da mãe, uma mulher de forte inteligência emocional e visão crítica. Foi ela quem o orientou a não permitir que as crenças religiosas limitassem seu desenvolvimento. “Em Moçambique, essas crenças muitas vezes anulam os jovens e vão contra nossa própria cultura, retirando a potência do jovem moçambicano”, ressaltou.

Foto: Falume Atibo



ÁFRICA

Angola: terra de raízes profundas e cultura vibrante

Jaice Balduino

jornalista multimídia

Foto: Freepik



Localizada na costa sudoeste do continente africano, Angola é um país de vastas riquezas naturais, culturais e históricas. Com uma população de mais de 34 milhões de pessoas e uma extensão territorial que a torna um dos maiores países da África, Angola é um verdadeiro mosaico de etnias, tradições e expressões artísticas. Sua trajetória é marcada por resistência, ancestralidade e reconstrução.

Colonizada por Portugal a partir do século XVI, Angola passou por mais de 400 anos de domínio colonial, seguidos de uma luta intensa por independência, conquistada em 1975. No entanto, o país enfrentou uma longa guerra civil que durou até 2002. Ainda assim, em meio aos desafios, o povo angolano seguiu preservando e reinventando suas raízes culturais, que hoje se expressam

em línguas, ritmos, danças, religiões e culinária. A influência bantu é uma das bases da identidade angolana. Povos como os ovimbundos, am-bundos, bacongós e chókues mantêm vivas tradições ancestrais que resistiram à colonização e seguem presentes no cotidiano. Línguas como o kimbundu, umbundu e kikongo ainda são faladas em diversas regiões do país, ao lado do português, idioma oficial herdado da colonização. A música é uma das formas mais vibrantes de expressão cultural em Angola. Gêneros como o semba — ancestral direto do samba brasileiro — e a kizomba, que mistura ritmos tradicionais com sonoridades modernas, são símbolos da alma angolana. O kuduro, ritmo eletrônico que surgiu nas periferias de Luanda nos anos 1990, ganhou o mundo como expressão urbana e contestadora da juventude.

A culinária angolana também é um capítulo à parte. Pratos como o funge (massa feita com farinha de mandioca ou milho), o calulu (ensopado de peixe seco com legumes) e a moamba de galinha refletem uma combinação de ingredientes locais e heranças africanas e portuguesas. Comer em Angola é também uma forma de celebrar a vida em comunidade e o valor das tradições.

A religiosidade popular mistura elementos do catolicismo com práticas tradicionais africanas. Os cultos aos ancestrais, o uso de plantas sagradas e os rituais de cura convivem com as igrejas cristãs e apontam para uma espiritualidade plural e resistente.

A conexão entre Angola e o Brasil é profunda. Durante o período do tráfico transatlântico de escravizados, milhões de pessoas foram levadas do território angolano para o Brasil. Estima-se que cerca de 75% dos africanos escravizados no Brasil vieram da região da África Central,

especialmente de Angola e do Congo. Essa diáspora bantu deixou marcas profundas na cultura brasileira, como o samba, a capoeira, as religiões afro-brasileiras e palavras que usamos até hoje no nosso cotidiano.

Hoje, Angola vive um processo de reconstrução e redescoberta. Com recursos naturais como petróleo e diamantes, o país busca também investir em educação, cultura e preservação de seu patrimônio. O reconhecimento de espaços como o Museu Nacional da Escravatura e os esforços para valorizar a memória dos povos tradicionais mostram que Angola segue firme em sua caminhada.

Angola é terra de resistência, de alegria dançada, de palavras cantadas e de histórias contadas ao pé do fogo. É uma parte fundamental da África e da nossa própria história — uma herança viva que nos atravessa e nos ensina.

Foto: Freepik



Mudança nos antropónimos ambundu na identidade cultural: Caso da população da Província de Icolo e Bengo

Isaías de Lemos

Professor e antropólogo angolano. Mestrando em Ciência Política e Administração Pública.
Vice-presidente da A.BANTU - Associação Angolana de Antropólogos

O presente estudo tem como propósito analisar os efeitos da mudança nos antropónimos ambundu na identidade cultural na província de Icolo e Bengo, e pretende-se compreender a cultura do grupo etno-linguístico através dos nomes, identificar e analisar os seus significados, tendo a preocupação de saber porquê a sociedade angolana, no geral e em particular a juventude da região em estudo, contestam quando da atribuição de nomes de origem Bantu, e qual é a importância cultural da antroponímia ambundu. Para a pesquisa, utilizou-se o método etnográfico, comparativo e histórico e as técnicas de observação directa, participativa onde se procedeu as entrevistas, consultas aos sobas, sobetas, regedores, trabalhadores das instituições estatais e à população. Fez-se recurso à tradição oral enquanto fonte privilegiada da qual extraíram-se muitos subsídios. Comparamos alguns nomes e suas formas de escrita, qualidade vocálica e da nasal silábica. A reflexão sobre a antroponímia Bantu mostra que permite a conservação de identidade cultural de um indivíduo em relação ao seu grupo de pertença, ao passo que a rejeição dos mesmos deve-se a factores como a assimilação cultural decorrente do processo de colonização, o desinteresse na adopção desses nomes e a má compreensão da globalização.

Palavras-chave: Ambundu, antroponímia, ilcolo e Bengo, identiddade cultural, nomes Bantu.

Foto: wjgomes



Foto: wjgomes

INTRODUÇÃO

Os nomes africanos são identidade de um povo e têm criado admiração por algumas pessoas no mundo. Os seus significados impactam na vida de qualquer cidadão africano já que derivam dos antepassados e são impostos de acordo com as ocorrências vividas pelo indivíduo, família ou pela comunidade baseados nas matrizes culturais Bantu e Pré-Bantu. O africano no acto de atribuição de um nome a alguém, acredita que os espíritos dos seus antepassados orientam-no na sua escolha.

A cultura, sendo uma herança de ordem material de uma determinada sociedade, nesta temática relacionada à opinião na mudança dos antropónimos, foi alvo de alguns estudos relacionados que, segundo Demartis, (professora universitária de Ciências Sociais), faz menção de três tipos culturais que constituem uma sociedade a saber:

- Valores, normas, definições, linguagens, símbolos signos, modelo de comportamento, técnicas mentais e corporais desempenhando uma função cognitiva, afectiva, valorativa, expressiva, regulativa e manipulativa;
- As objectivações, os suportes, os valores materiais ou corporais dos mesmos;
- Os meios materiais para a produção e a reprodução social do homem. (DEMARTIS; 1999: 258). Os nomes obtêm um dos elementos fundamentais de identificação da pessoa humana, elucida o ser e o estar do indivíduo na comunidade por onde se descobre o seu interior espiritual por meio dos seus antepassados, permitindo-lhes reconhecê-los a partir das suas origens e afinidades na sociedade onde estiver inserido. Os nomes permanecem unidos sendo de uma eficácia fundamental na participação directa do grupo étnico linguístico. Nessa abordagem, vimos que o Padre Altuna, (Missionário Diocenas Vascongadas-Espanha) corrobora da mesma visão ao dizer que «O nome como parte constitutiva completa a pessoa, pois o nome explica a natureza própria do ser individual, mostra a sua realidade e descobre a sua interioridade. É um distintivo que segue a alma espiritual». (ALTUNA; 2006: 268, 269).

Seguindo o mesmo pensamento, notamos que o mesmo não se demarca de abordar a condição situacional da gênese condizente à proximidade das relações entre os semelhantes da mesma co-



munidade etnolinguística, quer seja no meio rural, periourbano e urbano. Por isso, não foi por casualidade que, na sua visão esclarece que «O nome situa o homem na comunidade, é a denominação que permite reconhecê-lo, o sinal da sua situação, da sua origem, da sua actividade, das suas relações com os outros». (ALTUNA; 2006: 268, 269). Quando do nascimento de uma criança em qualquer sociedade angolana, as comunidades invocam a presença dos seus ancestrais de forma espiritual e eles terão deixado boas referências na família e na comunidade no geral. Também em certas ocasiões do nascimento, atribuem determinados nomes em função das circunstâncias que a família ou a sociedade vivencia; assim como o tempo, as calamidades naturais, a fome, a abundância (na caça, na pesca e na agricultura), uma visita ilustre ou um parto invulgar e até a circunstância de morte de um ente. Em África, os nomes são de total diferença devido às suas matrizes culturais, nas sociedades atuais africanas, quando ouvimos algum nome, logo se distingue a genealogia do indivíduo que adopta o nome. Por este facto, Alexandre, (Ms. em História, Faculdade de Ciências Sociais-FCS, da Universidade Agostinho Neto-UAN), diz-nos que:

Seios do Deserto

Kankimbu Ananaz - Poetisa Angolana

Vou receber-te com abraço
Beijos e carinhos
Vem matar-me a sede
Além dos beijos e abraços
Tens os meus seios
Seios do deserto
Seios de areia
A queimar as mãos
Sol em fogo
Quero incendiar-te
Meu amor
Com a minha poesia
Vem
Bata-me a porta.

Ilustração: Maria Luiza Viana

Em África, nota-se que, não é por caso, ou por belo prazer de adoptar este ou aquele nome que o africano dá a alguém ou em algum sítio um determinado nome, em geral reflete, ou melhor, está, na maior parte das vezes, ligado a um acontecimento histórico concreto, ou a uma determinada circunstância histórica vivida; seja pelo próprio indivíduo ou família, seja pela comunidade ou sociedade em geral. ALEXANDRE, 2009:43).

O autor remete-nos a um modelo de forma medi-tária, alusiva à sua terra natal; como exemplo, do grupo gemelar (Nsimba e Nzuzi), no caso concreto da região de Mbembe de onde é natural o qual, faz-nos uma chamada de atenção que na atribuição de nomes angolanos e africanos, no geral, não se deve atribuir os nomes de gêmeos a pessoas que não são nascidos nessa condição.

CONCLUSÃO

Depois de uma exaustiva abordagem, concluímos que os efeitos da mudança nos antropônimos ambundu na identidade cultural na Província de Icolo e Bengo, remete-nos à uma análise social com intuito de compreender a cultura do grupo etnolinguístico

Ambundu através dos nomes.
– Será que no grupo étnico ambundu existe conversão dos seus antropônimos?
– Será que mantiveram-se íntegros no que se refere aos seus anomásticos?
Observamos isso com maior predominância no grupo Ambundu na mudança dos seus antropônimos, ao contrário de outros grupos que se mantiveram íntegros, tais como os Bakongo, os Tucokwe, os Ovimbundu, Ocikwanyama etc. A razão se baseia na alienação cultural, como consequência da colonização portuguesa, a influência de línguas estrangeiras como requisito para emprego, o mau escólio da globalização, e também alicerça a falta de noção em uma boa parte da comunidade e renúncia por parte de alguns.
Os nomes contribuem como elemento de construção da identidade sociocultural através dos seus significados nas sociedades contemporâneas; ao ouvirmos a chamar por alguém caracterizamos logo a origem do indivíduo, embora actualmente os nomes têm sido banalizados, estigmatizados e, por vezes, servindo de achincalhação, assim eles acabam por ser a cultura interior de cada etnia.

Foto: Tomas Porf



REFERÊNCIAS:

- 1 - ALEXANDRE, João, “Manual de Reflexão Sobre uso de Palavras e Nomes Africanos”, F.L.C.S, vl. I, 1ª Edição, Luanda, 2009.
- 2 - DEMARTIS, Lucia, “Compêndio de Sociologia”, Lisboa, Edição 70, Lda, 1999.
- 3 - Pe. ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa, “Cultura Tradicional Bantu”, Astipol- Artes tipográficas; Águeda Portugal, 2006.

CULTURA - MÚSICA

Stewart Sukuma: a música é a nossa verdadeira pátria

Leo Olivera

Professor Adjunto no Curso de Design UFMG, pesquisador sobre Jazz, DJ e radialista. Publisher da Revista Canjerê

Foto: Marimba Booking - Divulgação



Em um cenário global onde a música transcende fronteiras e reconta histórias silenciadas, Stewart Sukuma, nascido Luís Pereira em 1963, na província moçambicana de Niasse, inova e se renova ano a ano, não apenas como um artista, mas como um tecelão de diásporas. O Sukuma do seu nome artístico significa “empurrar” na língua xiChope, o que não deixa dúvida sobre a correta escolha, pois representa a força de sua obra e o manifesto de amor à música de sua terra.

Stewart iniciou sua carreira nos anos 1980 como integrante de grupos que misturavam ritmos tradicionais com pop e Jazz. Porém, foi com a Marrabenta, ritmo tradicional de Moçambique, que sua música ganhou identidade e se transformou em um veículo de resistência e celebração à sua terra, seu povo e sua cultura. Stewart Sukuma é ativista social declarado e para ele a música é a nossa verdadeira pátria.

A Marrabenta, surgida nos subúrbios de Maputo na década de 1950, carrega em sua instrumentação adaptada e vibrante à narrativa de um povo que resistiu ao colonialismo. Sukuma absorveu essa herança, mas não se limitou a ela. Com isso, Moçambique, país marcado por uma história de guerras de libertação, encontrou na

música de Sukuma um espelho para suas lutas e alegrias, de modo que apreciar a trajetória dessa música é um convite a repensar como a arte propicia reconectar fragmentos da luta de um povo e de uma África espalhada pelo mundo.

Sukuma fundiu a tradição com elementos contemporâneos, criando uma sonoridade que ele define como “afro-contemporânea”, valorizando línguas locais, abordando desde a crítica social até a celebração da diversidade étnica.

Ele também é conhecido por seu ativismo além da música. Como Embaixador da UNICEF desde 2002, atua em campanhas de saúde – combatendo estigmas como o HIV/AIDS –, de educação e pela valorização da memória do seu país.

O legado de Sukuma desafia-nos a pensar a diáspora não como um evento do passado, mas como um rio em fluxo contínuo. Ao ouvi-lo, percebemos que a Marrabenta não é apenas um gênero musical – é um convite a reimaginar fronteiras. E nesse exercício, Brasil e Moçambique não são nações distantes, mas irmãos separados pelo mar, cujas histórias se reconectam toda vez que um tambor é batido.

CULTURA - ARTES VISUAIS

A África tradicional e contemporânea se conectam na obra de Jorge Dias

Maria Luiza Viana

Professora Adjunta no Curso de Design. Pesquisadora de temas voltados para as relações entre arte, design, arquitetura e cultura urbana. Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais

Jorge Dias nasceu em Maputo, Moçambique, em 1972. Formou-se em Cerâmica na Escola Nacional de Artes Visuais em Maputo em 1992 e, entre 1997 e 2002, graduou-se em Escultura pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Retorna a Moçambique em 2003 e funda, juntamente com outros artistas, o MUVART – Movimento de Arte Contemporânea de Moçambique.

Jorge realizou exposições individuais em diversas instituições entre as quais se destacam: Museu Nacional de Arte em Maputo, 2005; Centro Cultural de Lagos, Portugal, 2005; Centro Cultural Franco-Mo-

çambicano, Maputo, 2007 e 2015; Centro Cultural Português, Maputo, 2010; Espaço Fundação PLMJ, Portugal, 2012; Mediateca BCI, Maputo, 2014.

Participou de exposições coletivas como: **Réplica e Rebeldia** em Moçambique, Brasil, Cabo Verde, Angola, 2007; **Lisboa-Luanda-Maputo**, Lisboa, Portugal, 2007; **Anganza África** Londres/Reino Unido, 2008; **Bienal de São Tomé e Príncipe**, 2008; **Africa Now** em Washington DC/EUA, 2009; **África 2.0**, Portugal, 2012; **Processos**, Maputo, 2013; **Estado das Coisas**, Berlim e **Um urbanista da memória**, Brasil, 2022. Foi curador no Museu Nacional de Arte de 2006 a 2010, diretor da Escola Nacional de Artes Visuais entre 2010 e 2017 e diretor adjunto do Museu Nacional de Arte em 2017. Atualmente é diretor do Instituto Guimarães Rosa e docente na Escola Nacional de Artes Visuais, em Maputo.

O trabalho de Jorge Dias concatena-se a temas universais da arte contemporânea, colocando em questão a diversidade dos processos de criação, as materialidades e a força expressiva dos objetos do cotidiano.

Na recente exposição em Maputo em 2025, **Fico a ver o lá daqui**, o artista parte das capulanas como suporte que recortadas, remontadas com outros objetos, retomam a iconografia clássica africana e ganham reinterpretações que evocam a tradição, a simultaneidade das identidades coletivas e a valores culturais universais e que transpassam as fronteiras dos continentes.



Foto: acervo de artista

Série: Trabalho sobre a terra

Técnica: Acrílico, colagem de tecido e madeira sobre cartão e papel espuma - 91 x 64 cm (2024)

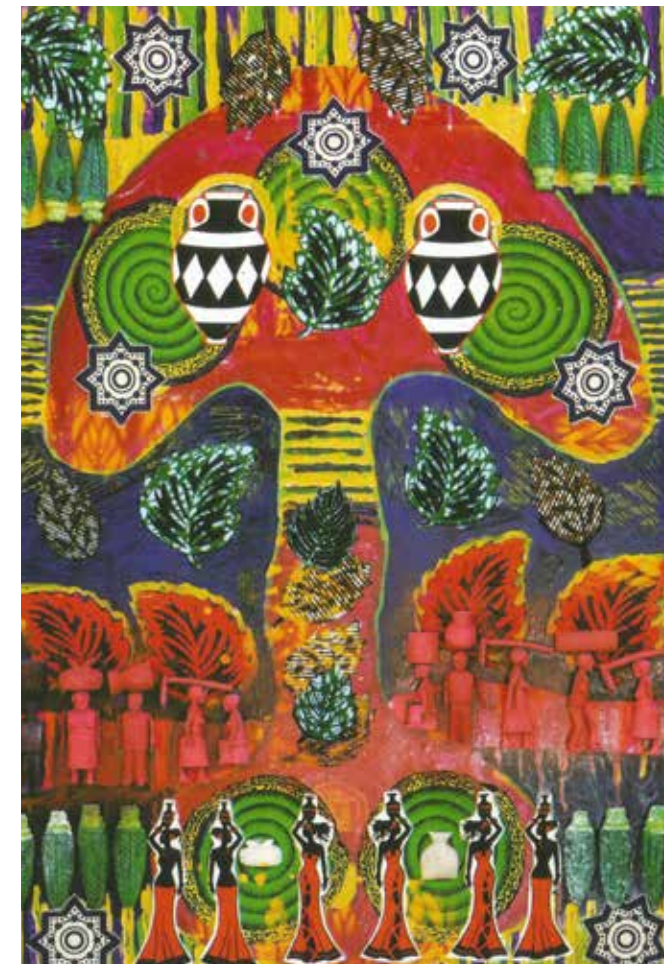


Foto: acervo de artista

Notícias

Equipe Casarão das Artes Negras

CINEMA MINEIRO EM EVIDÊNCIA

Foto: Leo Lara



A Filmes de Plástico, produtora mineira reconhecida como uma das mais relevantes do cinema nacional e composta pelos cineastas André Novais Oliveira, Gabriel Martins, Maurílio Martins e pelo produtor Thiago Macêdo Correia, está com grandes projetos em andamento. Quem acompanha Gabriel Martins nas redes sociais já teve acesso a alguns registros dos bastidores de “Natal dos Silva”, série de TV prevista para estreiar em dezembro de 2025 no Canal Brasil. A obra reúne talentos locais como Carlandréia Ribeiro, Rejane Faria, Robert Frank, Carlos Francisco, Marisa Revert, Ítalo Laureano e Leo Gordo. A trama gira em torno da família Silva, que enfrenta conflitos após a morte da matriarca, Zelina.

No primeiro Natal sem ela, Bel, a filha mais velha, assume a responsabilidade de organizar a celebração. Enquanto isso, seu filho Luciano decide apresentar sua namorada Lin, uma mulher trans, e revelar os planos de casamento. Paralelamente, surge o interesse de uma construtora pelo terreno da casa da família, mas Bel resiste à ideia de vendê-lo. Outra produção bastante aguardada é o longa “Vicentina Pede Desculpas”, também dirigido por Gabriel Martins, que será lançado pela Netflix. O filme chegou a ganhar destaque em Belo Horizonte ao encenar a queda fictícia de um ônibus no viaduto Helena Greco.

SAMBA - PATRIMÔNIO DE BELO HORIZONTE

O samba passou a ser reconhecido como Patrimônio Cultural de Belo Horizonte por decisão do Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Belo Horizonte (CDPCBH). O reconhecimento fortalece a valorização da cultura do Samba como parte da identidade da Capital Mineira. Para isso, foi desenvolvido o Inventário do Samba de Belo Horizonte, que investigou os vários modos de fazer Samba da capital mineira, além de sua história, influências e tradições. O documento foi construído de maneira colaborativa pelo Poder Público, pela Universidade Federal de Minas Gerais/Projeto República: Núcleo de Pesquisa, Documentação e Memória, junto dos mestres e mestras do samba da cidade, com protagonismo do Coletivo de Sambistas Mestre Conga, responsável pela mobilização que culminou na conquista. O coletivo é movimento social criado em agosto de 2020 com o objetivo de organizar ações e projetos relacionados ao samba de Minas Gerais.



Foto: Divulgação

CONEXÃO ANCESTRAL

O músico e compositor mineiro Sérgio Pererê esteve recentemente na Guiné-Bissau, onde viveu momentos marcantes de reencontro com suas raízes, compartilhando essa experiência com seus seguidores nas redes sociais. A viagem teve um significado especial: por meio de um teste de DNA, Sérgio descobriu que seus antepassados foram trazidos do país africano. Movido por esse elo ancestral, ele decidiu visitar a terra de origem de sua linhagem. Em São Domingos, na região de Cacheu, no Noroeste da Guiné-Bissau, ele conheceu o povo Felupe, grupo étnico ao qual pertence sua ascendência, mais especificamente da linhagem Bamai. Durante uma cerimônia conduzida pelo régulo local, Sérgio recebeu o nome KULALU, que na língua Felupe significa “aquele que voltou”. A experiência também incluiu encontros com os mais velhos da comunidade e a oportunidade de participar de tradições culturais, como o consumo do vinho de palma (binhu palmo), bebida sagrada usada em rituais ancestrais.



Foto: Alê Bastos

O QUE O NOSSO POVO CONTOU

Foto: Patrick Hralej



O Instituto Inhotim lançou O que o nosso povo contou, primeiro livro do selo editorial Saberes & Memórias. A publicação reúne histórias, conhecimentos e tradições dos quilombos Marinhos, Ribeirão, Rodrigues e Sapé, em Brumadinho, e nasce da parceria entre o Inhotim, pesquisadores, mobilizadores e cerca de 115 moradores das comunidades.

Com base em história oral e inventário participativo, o livro reflete o compromisso do Inhotim com o fortalecimento de vínculos com o território, valorizando as memórias e saberes locais a partir da escuta e do fazer coletivo. Ele pode ser baixado gratuitamente na versão e-book por meio do site www.inhotim.org.br.

FESTA DE IEMANJÁ: 103 ANOS DE TRADIÇÃO EM SALVADOR

Foto: Lucas Moura
SECOM PM Salvador



A tradicional entrega de presentes e homenagens à Rainha do Mar, no bairro do Rio Vermelho, todo dia 2 de fevereiro, é consolidada como a maior celebração religiosa da cultura afro-brasileira na Bahia e reconhecida como patrimônio imaterial da capital baiana pela Fundação Gregório de Mattos (FGM) desde 2020. Em 2025, a festa completou 103 anos e trouxe como tema “Renascer com as Águas de Yemanjá”, reunindo milhares de pessoas. A programação tomou todo o fim de semana, iniciando no sábado (1), à meia-noite, com a entrega do presente de Oxum no Dique do Tororó, vindo do Terreiro Olufanjá – Ilê Axê Iyá Olufandê. Já no domingo, (2), ponto alto dos festejos, o presente principal de Iemanjá veio ao alvorecer do Terreiro Olufanjá – Ilê Axê Iyá Olufandê chegando por volta das 5h na Colônia de Pesca Z1. Ao longo de todo o dia, a praia foi ponto de encontro de terreiros e devotos que também entregam os seus presentes em grandes balaies e outras oferendas no mar. Na parte da tarde, a Praia da Paciência recebeu shows do projeto Ministério Público, do artista Russo Passapusso.

ONÉ

AQUI VOCÊ ENCONTRA
ARTE, CULTURA
EXPRESS E MUITO AXÉ!

Modelos: Ellen Olimpio e Adler Goulart. Fotografia: Ricardo S.G.



**Mais que um e-commerce,
somos um portal que conecta
VOCÊ com a ancestralidade e a
vibração afrobrasileira por meio
da moda, artes, livros e acessórios.**



(31) 99535-0804
@odeexpress_oficial
odeexpress
www.odeexpress.com.br
contato@odeexpress.com.br

ONÉ
EXPRESS





**Aqui se realizam
EVENTOS E AÇÕES
que VALORIZAM os
costumes tradicionais
da CULTURA NEGRA
E POPULAR.
Venha conhecer!**



Cida Badu é a Anfitriã da Casa



Nosso palco é de todas, todos e todes



Aguardamos sua visita!



(31) 99339-2795

@casacantocasa

Rua Augusto de Abreu, 343
Bairro Boa Vista. Belo Horizonte/MG



REDE
MINEIRA DE
PONTOS
DE CULTURA